

# LITERATURAS ANGLÓFONAS E ENSINO EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19: UMA EXPERIÊNCIA NO SUL DO BRASIL

[ANGLOPHONE LITERATURES AND TEACHING AMID THE COVID-19 PANDEMIC:  
AN EXPERIENCE IN THE SOUTH OF BRAZIL]

**Mônica Stefani<sup>i</sup>**

ORCID 0000-0003-0485-2086

Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria, RS, Brasil

**Tiago Ferreira Pereira<sup>ii</sup>**

ORCID 0000-0003-4657-0669

Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria, RS, Brasil

**Resumo:** Este artigo descreve a experiência de ensino-aprendizagem de literaturas anglófonas para licenciandos do primeiro semestre do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) durante a pandemia de COVID-19. Seguindo as propostas teóricas de nomes como Antonio Candido, Alain de Botton, Terry Eagleton, Harold Bloom, entre outros, destacamos o protagonismo dos atores sociais envolvidos no ensino-aprendizagem de Literaturas Anglófonas em um cenário caótico.

**Palavras-chave:** literatura; distanciamento; escrita; leitura.

**Abstract:** This paper describes the experience of teaching Anglophone Literatures to a group of freshmen in the teaching course of English Language at the Federal University of Santa Maria (UFSM) in the South of Brazil during the COVID-19 pandemic. The theoretical framework provided by Antonio Candido, Alain de Botton, Terry Eagleton, and Harold Bloom, we underline the relevance of the social players involved in the teaching and learning of Anglophone Literatures in a chaotic scenario.

**Keywords:** literature; distancing; writing; reading.

Não é novidade que a literatura é uma forma de expressão humana e, como tal, deve ser valorizada, não apenas no Ensino Básico, mas, principalmente, no Ensino Superior. Partindo do pressuposto de que somente conseguimos ter acesso à realidade por meio da linguagem, a literatura, dessa forma, oferece “modelos de tradução” do que é apreendido pelos sentidos e passível de ser representado dentro das formatações discursivas, ou seja, dos textos literários em seus mais diversos gêneros. Ela, portanto, pode ser uma forma de compreender como determinados agentes sociais ou grupos se apropriam da realidade para simbolizá-la. A literatura também é um artefato cultural e uma fonte de memória que nos relembra sobre a diversidade de práticas sociais e culturais que existem ou já deixaram de existir no mundo. Ensina-nos também como redes de sentido se formam por meio de intertextos e têm impacto sobre nossas visões de mundo compartilhadas em sociedade. Se direcionarmos nossa atenção ao que autoras norte-americanas como Toni Morrison, Nela Larsen ou Alice Walker escreveram, “[...] passamos a encontrar autores e protagonistas de grande destaque que fogem ao modelo-padrão – o homem-branco-europeu” (FERRO, 2015, p. 325). Nesse sentido, a partir da leitura dessas autoras, por exemplo, é possível enxergar como certos grupos são marginalizados/excluídos de centros hegemônicos de poder para espaços periféricos. A literatura, dessa forma, é capaz de oferecer novos pacotes identitários de como encenar o “si”, tanto em um nível individual quanto coletivo. “A literatura é um grande palco no qual se apresentam narrativas representantes das mais diversas identidades humanas” (FERRO, 2015, p. VII). Não podemos esquecer que o próprio processo de institucionalização e intensificação das práticas de leitura dos textos literários dentro de contextos acadêmicos da Inglaterra, segundo Eagleton (2008), fazia parte do projeto de nação, a fim de construir uma identidade do “inglês” conforme certos modelos de comportamento representados nas obras literárias recomendadas e estudadas. A literatura pode ser compreendida como uma prática discursiva específica dentre muitas outras, a qual pode ser descrita, talvez, como uma coleção de textos que, segundo um grupo de pessoas, em um momento histórico específico, em um determinado contexto social, por determinadas razões e de acordo com um conjunto de valores de julgamento, pode ser rotulada como tal: LITERATURA.

Quando da reforma curricular do curso de Letras – Licenciatura (Inglês e Literaturas de Língua Inglesa) da Universidade Federal de Santa Maria, no Sul do Brasil, que se mostrou mais desafiadora do que o inicialmente imaginado, a ideia de atualizar o máximo possível o perfil profissional do egresso quase esbarrou em uma disciplina: a literatura. Afinal, a pergunta quase sempre feita pelos alunos no ensino básico é justamente esta: para que literatura? Dito de outro modo: o que vou fazer com literatura na minha vida? Perguntas essas que ganham outra contextualização, principalmente agora, a partir da Terceira Revolução Industrial, com o advento das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), e a necessidade até de inclusão do ensino de programação nos currículos do ensino básico. Assim, a literatura como disciplina, outrora já incompreendida para muitos, parece vir perdendo espaço e significação dentro dos espaços escolares.

Advinda do chamado utilitarismo, essa pergunta, quando feita por alunos do ensino básico, reflete inúmeras questões, que permeiam a sociedade não apenas brasileira, mas mundial. Ao observarmos dados um tanto generalizados de leitura no mundo, o brasileiro passaria 5 horas e 12 minutos por semana lendo, de acordo com dados de 2013 da World Culture Score Index<sup>1</sup>. No cenário de 2018 de dados compilados pela Global English Editing<sup>2</sup>, o Brasil não apareceu no infográfico, no entanto, os dados provavelmente se mantiveram, ou, se mudaram, certamente mostrariam menos horas em comparação com outros países. Quem estava no topo da lista (e, em outros infográficos mais recentes, de 2018, o dado é o mesmo) era a Índia (com 10 horas e 42 minutos); a Tailândia aparecia na segunda posição (9 horas e 42 minutos em 2013; 9 horas e 24 minutos em 2018); a China, em terceiro lugar (8 horas nos dois cenários); Filipinas em quarto lugar (com 7 horas e 36 minutos nos dois cenários); Egito em quinto lugar (com 7 horas e 30 minutos nos dois cenários); e República Tcheca na sexta posição (com 7 horas e 24 minutos). Quanto aos países da América Latina que aparecem nos dois cenários de dados, temos a Venezuela (com 6 horas e 24 minutos em 2013 e 2018) e a Argentina (5 horas e 54 minutos em 2013 e 2018).

Aliado a questões culturais que transcendem nosso tópico, trazemos um pouco do que Alain de Botton propõe em seu texto “*Can Tolstoy save your marriage?*”,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.latimes.com/books/jacketcopy/la-et-jc-hours-reading-books-around-the-world-20130702-story.html>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://geediting.com/world-reading-habits-2018/>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

publicado em 2001. Há 19 anos, os argumentos trazidos pelo autor já faziam sentido, e continuam na mesma linha no seu projeto da *School of Life* (Escola da Vida) em Londres. Sem dúvida, a literatura está presente na estrutura curricular de um curso de Letras, mas deveria (ou poderia) ser mais difundida, junto com as humanidades como um todo, afinal, entre outras coisas, elas “deveriam nos ajudar a viver. Deveríamos olhar para a cultura como um depósito de ideias úteis sobre como enfrentar nossos problemas pessoais e profissionais mais prementes. Os romances e as narrativas históricas podem transmitir instrução e edificação moral<sup>3</sup>” (DE BOTTON, 2010).

O teórico brasileiro Antonio Candido, em seu ensaio publicado em 1988, mas assustadoramente atualíssimo, intitulado “O direito à literatura”, define literatura como a “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 2011, p. 176).

O presente trabalho reflete sobre a experiência em torno do ensino-aprendizagem de literatura durante o período de isolamento social em plena pandemia de COVID-19 no sul do Brasil. Essa experiência remota de ensino tinha como proposta uma introdução às literaturas de língua inglesa a uma turma de licenciandos do primeiro semestre do curso de Letras Inglês e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Alguns dos pressupostos teóricos que norteiam essa reflexão perpassam o trabalho de teóricos como Antonio Candido, Terry Eagleton, Harold Bloom e Alain de Botton. Este artigo está dividido em cinco partes. Na primeira, descrevemos a situação da literatura como campo de estudos no curso de Letras – Inglês na UFSM. Na segunda, apresentamos a proposta das Literaturas Anglófonas no contexto do novo curso de Letras – Inglês. Na terceira, detalhamos um pouco mais a cronologia das novas disciplinas de literaturas de língua inglesa. Em seguida, na quarta parte, especificamos nosso contexto de trabalho com a disciplina “Literaturas Anglófonas I” em um semestre de pandemia, para finalizar, na quinta parte, com a reflexão geral acerca da literatura: para quê e para quem? Com este trabalho, destacamos o protagonismo dos atores sociais envolvidos diretamente com o processo

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. No original: “My own answer to what the humanities are for is simple: They should help us to live. We should look to culture as a storehouse of useful ideas about how to face our most pressing personal and professional issues. Novels and historical narratives can impart moral instruction and edification”. Disponível em: <<https://thefloatinglibrary.com/2010/12/18/can-tolstoy-save-your-marriage/>>.

de ensino-aprendizagem para a disciplina de Literaturas Anglófonas em meio a um cenário caótico, não previsto nem mesmo nas obras literárias mais distópicas.

### **A literatura no curso de Letras – Inglês na UFSM**

O curso de Letras da UFSM possuía, na sua matriz curricular anterior, em vigor até 2011, a previsão de 8 disciplinas obrigatórias de literatura (nos âmbitos geral/teórico, brasileira e estrangeira) em 8 semestres de curso. Por exemplo, no primeiro semestre, havia a previsão de uma única disciplina de literatura – e ainda de caráter eletivo –, denominada “A Era Elizabetana e o Drama Shakesperiano: o Nascimento da Subjetividade”; as demais disciplinas eram três sobre língua inglesa (linguística aplicada), uma sobre língua portuguesa, uma sobre língua adicional (entre alemão, espanhol ou francês) e uma sobre educação.

A disciplina obrigatória “Introdução aos Estudos Literários” aparecia no segundo semestre e era ministrada em língua portuguesa; as demais disciplinas contemplavam língua inglesa (4), linguística geral (uma disciplina), uma língua adicional (entre alemão, espanhol ou francês) e educação (uma disciplina).

No terceiro semestre, havia apenas uma disciplina de literatura obrigatória, denominada “Literatura Greco-Latina em Tradução”; as demais disciplinas obrigatórias continuavam versando majoritariamente sobre língua inglesa (3), linguística, educação e língua portuguesa (3) e eletivas (3 sobre linguística e 1 sobre literatura – denominada “Leitura do Romance”).

No quarto semestre, ocorria o início das literaturas de língua inglesa propriamente ditas, com a disciplina obrigatória “Panorama Histórico e Sociocultural das Literaturas de Língua Inglesa”. As demais disciplinas continuavam sendo de linguística, língua portuguesa, educação (3) e língua inglesa (2).

No quinto semestre, o acadêmico começava a pensar no seu trabalho final de graduação – se seria realizado na área de literatura ou de linguística – em uma das disciplinas, denominada “Oficina de Ensino de Literatura e de Língua Estrangeira I”. Obviamente, a carga horária de disciplinas de literatura se mostrava pífia, e quem optava pela literatura realmente demonstrava esperança de obter mais conhecimentos (ou matriculava-se em disciplinas eletivas ofertadas e que admitissem sua participação – pois algumas contavam com pré-requisitos). Nessa etapa do curso, além do início do

estágio, de uma disciplina de Libras e de duas disciplinas de língua inglesa, havia uma disciplina de “Fundamentos da Literatura Brasileira” e eletivas relacionadas à literatura, como “Princípios de Análise Literária: Ficção” (ministrada em inglês); “Questões de Análise Literária” (ministrada em português); “Narrativas Clássicas e Medievais” (ministrada em português); e “Literatura e Cinema: Aproximações Possíveis” (ministrada em português). No entanto, essas disciplinas não eram ofertadas em todas as edições, o que dificultava a vida do acadêmico que buscava estudos em literatura. A disciplina obrigatória de literatura de língua inglesa era “Literaturas de Língua Inglesa: Conto”. A partir do nome da disciplina, percebe-se que o tratamento das literaturas de língua inglesa era feito conforme o gênero, e não conforme a cronologia.

No sexto semestre, junto com o estágio, a língua inglesa aparece em uma disciplina de Análise do Discurso, na “Oficina de Ensino de Literatura e de Língua Estrangeira II”, e a disciplina obrigatória de literatura de língua inglesa era “Literaturas de Língua Inglesa: Romance”.

No sétimo e penúltimo semestre do curso, somando-se ao estágio, à escrita do trabalho final de graduação e a uma disciplina de educação, as eletivas ofertadas eram na sua maioria de linguística aplicada, e a única obrigatória de literaturas de língua inglesa era “Literaturas de Língua Inglesa: Poesia”.

No último semestre, o que restava ao acadêmico, além do estágio e do término do trabalho final de graduação, era a disciplina de “Literaturas de Língua Inglesa: Teatro”.

Segundo o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Superior (CES) de 2001, os cursos de Letras devem:

[...] formar profissionais interculturalmente competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens, especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito, e conscientes de sua inserção na sociedade e das relações com o outro. Independentemente da modalidade escolhida, o profissional em Letras deve ter domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades linguísticas e culturais. Deve ser capaz de refletir teoricamente sobre a linguagem, de fazer uso de novas tecnologias e de compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente. A pesquisa e a extensão, além do ensino, devem articular-se neste processo. O profissional deve, ainda, ter capacidade de reflexão crítica sobre temas e questões relativas aos conhecimentos linguísticos e literários. (BRASIL, 2001, p. 30)

A partir da frase final, “reflexão crítica sobre temas e questões relativa aos conhecimentos linguísticos e literários”, percebeu-se que as disciplinas de literatura,

nesse caso, específicas do currículo de língua inglesa (pois as demais disciplinas de literatura geral/teórica ou de língua portuguesa acabam compondo um núcleo comum de estudos e são oferecidas às três habilitações do curso de Letras na instituição), estavam colocadas (ou melhor, eram oferecidas) apenas na parte final do curso, deixando um público importante de fora: o iniciante. Afinal, constatamos que inúmeros acadêmicos optam pelo curso de Letras justamente pela possibilidade de estudar literatura de forma mais aprofundada. Quando esse acadêmico chega ao curso e se dá conta de que só cursará as disciplinas específicas de literatura do idioma de sua habilitação a partir da metade do percurso, isso, em vez de representar um incentivo, é um desserviço à motivação para suas leituras e seus estudos. Logo, mudanças começaram a ser pensadas para a nova matriz curricular, que entraria em vigor na instituição no primeiro semestre de 2020.

### **O novo curso de Letras – Inglês e a entrada das Literaturas Anglófonas**

Após inúmeras discussões e processos burocráticos nas diferentes instâncias organizacionais dentro da universidade, o novo Plano Pedagógico do Curso (PPC) foi aprovado e sua implantação teve um início um tanto problemático, afinal, ninguém esperava que uma pandemia surgisse no início das atividades letivas, as quais são realizadas de forma majoritariamente presencial.

Em um cenário sem a consideração de uma pandemia (ou o mundo ideal que vigorou até março de 2020), haveria no primeiro semestre, diferentemente da composição curricular de nove anos atrás, duas disciplinas de literatura: “Literatura Greco-Latina” (ministrada em português) e “Literaturas Anglófonas I: Introdução” (ministrada em inglês e português), além das demais disciplinas sobre língua inglesa (2), sobre introdução à linguística e sobre produção textual (em português) e psicologia da educação<sup>4</sup>.

No segundo semestre, “Literaturas Anglófonas II” se junta às disciplinas na área de educação, de fluência digital, de latim e a uma disciplina específica de língua inglesa (leitura). No núcleo de eletivas disponível, o aluno tem a possibilidade de escolher uma

---

<sup>4</sup> A estrutura curricular do curso de Letras – Licenciatura (Inglês) está disponível em <<https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/letras/informacoes-do-curriculo>>. Acesso em: 15 de jun. 2020.

entre três opções, sendo duas sobre literatura (“Princípios de Análise Literária: Ficção” e “Introdução à Leitura do Conto”) e uma de linguística.

No terceiro semestre, há duas disciplinas específicas sobre literatura: “Literaturas Anglófonas III: do Pós-Guerra à Contemporaneidade” e “Introdução aos Estudos Literários: Narrativa” (ministrada em português), além de três disciplinas sobre língua inglesa, uma de educação e outra de linguística geral.

No quarto semestre, além das disciplinas de linguística geral e de língua inglesa (3), temos “Literaturas Anglófonas IV: Modernismo” e mais uma disciplina de língua estrangeira (com alemão, espanhol ou francês entre as opções).

No quinto semestre, a única disciplina de literatura é “Literaturas Anglófonas V: Literatura Norte-Americana do Século 19”. Completam o semestre o estágio, as disciplinas sobre língua inglesa (2), uma sobre produção textual (em português), uma disciplina de língua estrangeira (com alemão, espanhol ou francês entre as opções) e outra disciplina eletiva, com três opções em literatura: “Ensino Integrado de Língua e Literatura Inglesas” (ministrada em inglês), “Literatura Comparada e Crítica Social” (ministrada em português) e “Romance e Representação da Sociedade” (ministrada em inglês).

No sexto semestre, o acadêmico começa a delinear seu projeto de pesquisa, enquanto cursa o estágio, além de disciplinas de língua inglesa (2), de treinamento para atuar em EAD e de Libras. A única disciplina obrigatória na área de literatura é “Literaturas Anglófonas VI: Literatura Britânica dos Séculos 18 e 19”. Como eletivas, as opções disponíveis são uma na área de linguística e duas na área de literatura, ministradas em português: “Leitura do Romance” e “Literatura e Cinema: Aproximações Possíveis”.

No sétimo semestre, a única disciplina de literatura é “Literaturas Anglófonas VII: do Período Elisabetano à Restauração”. Completam o semestre o estágio, disciplinas de língua inglesa, o trabalho final de graduação e uma disciplina sobre educação. Quanto às disciplinas eletivas disponíveis, há três opções: uma sobre linguística e duas sobre literatura: “Shakespeare e Seu Tempo” e “Teoria da Tradução”.

No oitavo e último semestre, a única disciplina de literatura é “Literaturas Anglófonas VIII: do Período Medieval ao Período Carolino”. Completam o curso o último estágio, a conclusão (e defesa) do trabalho final de graduação, disciplinas de



língua inglesa e de educação, além de três opções de disciplinas eletivas sobre ensino de língua inglesa.

Percebemos, assim, diferenças significativas entre a versão vigente de 2011 a 2019 e a nova proposta, implementada em 2020. Vamos esmiuçar agora as Literaturas Anglófonas.

### **O que são as Literaturas Anglófonas?**

Quanto à organização das disciplinas específicas de literaturas de língua inglesa, elas receberam o nome geral de Literaturas Anglófonas, seguidas do número correspondente ao semestre e uma breve descrição de sua temática (a única que ficou sem essa descrição foi a II). O propósito foi sinalizar ao acadêmico que o universo de produção literária em língua inglesa está longe de se restringir a apenas Inglaterra e Estados Unidos (principalmente quando avançamos na linha do tempo de estudos e detectamos que o Império no qual o sol nunca se punha gerava territórios com indivíduos que queriam dar voz a seus pensamentos e anseios de forma artística).

O principal raciocínio que embasou a criação e, principalmente, a organização cronológica das Literaturas Anglófonas foi permitir que os acadêmicos iniciassem de forma prazerosa seu percurso de leituras, análises e apreciação da literatura como um campo de estudos de inúmeras possibilidades interdisciplinares (no caso, também de ensino/aprendizagem de línguas). Em termos cronológicos, pela descrição apresentada anteriormente, vê-se que houve a opção pela inversão da linha do tempo. Assim, em vez de abordar os primórdios das literaturas de língua inglesa no primeiro semestre, em “Literaturas Anglófonas I: Introdução”, apresenta-se um conteúdo mais amplo, dentro da área de literatura, em inglês (mas com opção também de acesso a traduções em português brasileiro, preferencialmente), e que reflita o que fazemos, como estudantes de literatura que somos.

Em “Literaturas Anglófonas II”, apresenta-se uma continuidade das atividades introduzidas na disciplina anterior, tendo-se como mote justamente que o acadêmico se interesse pelo tema e perceba sua importância em meio às demais disciplinas. O ponto principal é aperfeiçoar a capacidade de leitura de textos literários, aprofundando conceitos literários e reconhecendo diferentes realidades linguístico-culturais expressas em língua inglesa em diversos gêneros.

Em “Literaturas Anglófonas III: do Pós-Guerra à Contemporaneidade”, o objetivo é que o acadêmico tenha contato com obras literárias do mundo anglófono produzidas desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) até a contemporaneidade, cujas temáticas e linguagem estão mais próximas da realidade, preparando-se o caminho para o estudo de períodos literários mais antigos.

Em “Literaturas Anglófonas IV: Modernismo”, o objetivo é estudar obras literárias – de gêneros variados – que pertencem a esse movimento literário, o qual se inicia no final do século XIX e início do século XX.

Em “Literaturas Anglófonas V: Literatura Norte-Americana do século XIX”, o objetivo é abordar aspectos variados e significativos da formação e consolidação da literatura norte-americana. Dada a importância desse período, estudá-lo exclusivamente em um semestre foi uma opção razoável.

Em “Literaturas Anglófonas VI: Literatura Britânica dos Séculos XVIII e XIX”, são estudados aspectos variados e significativos da complexa formação do contexto sócio-econômico-cultural britânico moderno, com ênfase na gênese do romance em língua inglesa e no período vitoriano.

Em “Literaturas Anglófonas VII: Do Período Elisabetano à Restauração”, a ideia é abordar obras literárias selecionadas que expressem aspectos variados e significativos do período entre 1558 e 1710.

Finalmente, em “Literaturas Anglófonas VIII: Do Período Medieval ao Período Carolino”, o objetivo é trabalhar com obras literárias que expressem aspectos variados e significativos do período entre 1066 e 1674, com ênfase na leitura das obras no original, aproveitando que o acadêmico já terá um conhecimento da língua inglesa sólido, bem como capacidade de expressão para manifestar seu posicionamento crítico diante do que lê.

De fato, essas oito disciplinas obrigatórias garantem a presença da literatura em todos os semestres de formação do acadêmico, o que é algo importantíssimo, pois corrobora a instrução governamental em relação ao perfil do egresso. De alguma forma, seguimos, portanto, o que Terry Eagleton aponta em seu livro *Como ler literatura* (2017):

Aprender a ser crítico literário consiste, entre outras coisas, a aprender como empregar certas técnicas. Como em muitas delas – praticar mergulho ou tocar trombone, por exemplo –, é mais fácil pegar na prática do que na teoria. Essas técnicas exigem uma

atenção à linguagem maior do que normalmente se dedica a uma receita ou a um rol de lavanderia. (EAGLETON, 2017, p. 7)

A partir da seleção de obras acessíveis também em termos linguísticos para os acadêmicos que estão recém-ingressando no curso de Letras – Inglês, buscamos o desenvolvimento dessas técnicas.

### **Literaturas Anglófonas I em um semestre de pandemia: para quê e para quem?**

A disciplina, conforme já descrito brevemente, estimula o acadêmico que está chegando agora no curso a desenvolver habilidades de leitura de textos literários e a compreender conceitos literários basilares, além de conhecer as fases do desenvolvimento histórico das literaturas de língua inglesa. Além disso, retomamos conteúdos vistos em outras disciplinas (mesmo no ensino básico, nos anos finais do ensino médio), como os gêneros literários (romance, conto, poesia, drama), porém, fazendo a contextualização para o cenário de língua inglesa (por exemplo: Como é ler um poema em inglês em contraposição a um poema em português? Como é ler um romance em inglês pela primeira vez?). A forma de retomada com esse conteúdo facilita o estudo, pois grande parte dos alunos, em algum momento, ouviu falar disso e, se não ouviu falar, a disciplina se torna um espaço importante de discussão desses primeiros conceitos, que, inevitavelmente, se tornarão corriqueiros na vida do estudante de Letras.

Outro componente que norteou a criação da disciplina foi a necessidade de engajamento, principalmente em relação ao que é a grande capacidade – ou melhor, o grande diferencial – de todos os profissionais de Letras: a leitura. Sabemos que, no mundo hipertecnológico de hoje, que rotula como “textão” qualquer coisa que exceda 130 caracteres no universo das redes sociais, competir com isso é um desafio: como convencer alguém a ler um romance de 200 páginas em papel (ou 300 em outras mídias para leitura em diferentes dispositivos eletrônicos)? Daí vem a ideia de atração para a literatura como área de estudos e para a recuperação da necessidade de se manter uma atividade rotineira de leitura. Contudo, cabe ressaltar que a atividade de leitura rotineira por si só não basta: buscamos diversificar o que está sendo lido (afinal, temos a ideia de que somos o que lemos).

Como disciplina obrigatória de primeiro semestre (sem equivalência no currículo anterior e considerada pré-requisito para as demais disciplinas de literatura, pois, depois

dela, o acadêmico pode cursar as literaturas anglófonas na ordem que achar melhor, no entanto, por sua própria conta e risco), 40 alunos estavam matriculados. Desse total, 6 alunos eram de 5º semestre (pois estão sendo adaptados à nova matriz curricular) e 1 pertencia ao 3º semestre (aproveitando para adiantar esta disciplina na sua adaptação curricular).

As aulas do primeiro semestre de 2020 tiveram início presencial no dia 9 de março. Todavia, após a suspensão das atividades presenciais, no dia 16 de março de 2020, optamos pela adaptação das atividades apresentadas nas ementas para o ambiente virtual de ensino, com a plataforma Moodle sendo a mais utilizada e integrando o sistema REDE (Regime de Exercícios Domiciliares Especiais), implementado pela UFSM desde 16 de março de 2020. Descontando-se o número de alunos que, por diferentes motivos, abandonaram o curso (procedendo ao trancamento via sistema) e os que abandonaram temporariamente o acompanhamento das atividades (por alegarem motivos psicológicos, emocionais ou mesmo falta de estrutura adequada para o pleno aproveitamento da disciplina – por exemplo, falta de acesso à Internet ou a equipamentos, como computador, entre outras razões), admitimos que a quantidade de alunos acessando o sistema foi diminuindo consideravelmente conforme a pandemia (e a suspensão das aulas) foi avançando, chegando a um número mais estável – isto é, de alunos que realizaram atividades avaliativas – de 20 estudantes. Desses alunos da primeira turma do novo currículo do curso de Letras, obtivemos alguns dados interessantes, a partir da facilidade de aplicação – e de registro dos resultados – de um questionário inicial aplicado via plataforma Moodle, cujos resultados ajudam a pensar a disciplina não apenas nesta primeira edição, mas nas próximas (afinal, a literatura, por lidar com o humano, possui essa incrível capacidade mutante, além de nos auxiliar em nossas atitudes também diante dessas mudanças).

A ideia da aplicação do questionário inicial permitiria que o professor conhecesse mais a fundo o nível linguístico da turma, tentando lidar melhor com a heterogeneidade verificada nos semestres iniciais dos cursos de línguas modernas (o caso aqui relatado não é exclusividade do inglês). O programa da disciplina, já pronto, foi apresentado na primeira aula, mas, com as informações obtidas no questionário, adaptações no conteúdo a ser trabalhado poderiam ser feitas, com vistas a uma experiência mais proveitosa. Neste semestre de pandemia, o conteúdo não foi alterado, mas, sim, o modo

de apresentação e de discussão – que se deu majoritariamente na forma de leitura de textos disponibilizados tanto em inglês (os originais) quanto em português (com um prazo para leitura) e de tarefas de escrita enviadas via Moodle (também com um prazo para entrega). No contexto de pandemia, de distanciamento social e de quarentena (com o famoso “fique em casa”), destacamos a disponibilidade relativamente maior (obviamente, dependendo do contexto de vida de cada um) de tempo para a realização das leituras e das tarefas escritas. Um dos problemas relatados por vários acadêmicos de Letras tem sido justamente a falta de tempo para a fruição estética. Neste contexto excepcional, o tempo aí está e os professores também aí estão para auxiliar nesse momento de fruição (mesmo que de forma remota). Aliás, o nosso objetivo foi de fato deixar o aluno ter essa experiência de contato com os textos, esperando o compartilhamento de suas visões, dúvidas e interpretações; questões foram feitas e passadas aos alunos como eventuais “guias de leitura”.

Apresentamos agora um recorte interessante obtido acerca das preferências e experiências prévias dos 30 acadêmicos que estão ingressando no curso de Letras e que responderam ao questionário. Cabe ressaltar que esta é a nossa realidade do curso de Letras – Inglês no nosso *locus* de enunciação, a cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

A primeira pergunta era quanto à faixa etária da turma, cujos integrantes estão predominantemente entre os 17 e os 25 anos (83% dos respondentes); os 17% restante dos acadêmicos pertencem à faixa etária dos 26 aos 37 anos.

A segunda pergunta feita foi: “você gosta de ler?”, ao que 97% dos respondentes optou por “sim” e 3% optou por “não”. A terceira pergunta queria saber o que os acadêmicos mais gostavam de ler, com as opções sendo listadas a seguir (com a porcentagem de respondentes entre parênteses): livros (40%); revistas (14%); jornais (15%); gibis/animes (12%); poesia (10%); e periódicos acadêmicos (8%). A quarta pergunta queria saber o que os acadêmicos mais liam, e os resultados foram: livros (54%); revistas (7%); jornais (15%); gibis/animes (10%); poesia (5%); periódicos acadêmicos (10%). Quanto ao número de livros que o respondente lê por ano, temos que: até 1 por ano foram 7%; entre 2 e 5 foram 60%; entre 6 e 10 foram 17%; e mais de 10 livros por ano foram 17% dos respondentes. Quanto à preferência por diferentes gêneros, temos: ação/aventura (25%); romance (27%); fantasia (25%); história/não

ficção (13%); autoajuda (6%); técnico (3%). Outra pergunta foi em relação à leitura de literatura: 19% dos respondentes afirmou ler literatura nacional (i.e., escrita por autores brasileiros em português do Brasil); 53% afirmou ler literatura estrangeira (escrita por autores estrangeiros em inglês ou em outro idioma) em tradução; 28% dos respondentes afirmou ler literatura estrangeira (escrita por autores estrangeiros em inglês ou em outro idioma) no original. Esse percentual de 28% pareceu interessante, mas não reflete a maioria da turma, logo, a estratégia de oferecer as obras selecionadas em tradução para o português brasileiro se mostra não apenas adequada, como uma opção não excludente. Outra pergunta feita era sobre a forma de leitura (*online* – em tela – ou *offline* – i.e., feita em substrato impresso): 23% dos respondentes afirmaram preferir a leitura em tela, ao passo que a maioria, 77%, preferia o substrato impresso. Diante de uma turma relativamente jovem, esse percentual se mostra interessante e corrobora também o dado anterior sobre a preferência e a leitura mais frequente de livros.

Outra pergunta interessante, sobre o futuro da literatura, faz referência aos audiolivros (que é uma modalidade relativamente nova – e que teve uma febre um tanto rápida no Brasil, quando inclusive a Avon vendia audiolivros em seus catálogos – para o público brasileiro): 33% dos acadêmicos afirmaram já ter ouvido um audiolivro; 67% afirmaram nunca ter tido essa experiência. Interessante é a possibilidade crescente que temos visto com os audiolivros com relação à prática de leitura cotejada viabilizada por essa modalidade. No entanto, algumas questões para a adoção dessa mídia se impõem: a oferta dos arquivos de modo facilitado e sem custos e a proficiência na compreensão aural de língua inglesa para que o aluno consiga desfrutar do audiolivro no original (na falta de uma tradução para o português, o que ocorre com certa frequência).

Esses dados ajudaram também a pensar melhor uma das semanas de aula, quando o tópico era o gênero poesia, quase sempre temido ou odiado (e raras vezes amado ou mesmo apreciado como deveria). De fato, quando voltamos nosso olhar ao gênero poesia no questionário, vimos que apenas 10% dos respondentes afirmaram gostar de ler poesia e 5% dos acadêmicos afirmaram ler com frequência poesia. O que fazer com os 80% restantes? A estratégia foi questionar a turma novamente em relação à poesia. A primeira atividade foi solicitar que os alunos escolhessem o seu poema favorito (no idioma que quisessem, seja em inglês, seja em português). Para facilitar a escolha (considerando que não poderíamos esperar um “poema favorito” se 80% do público-

alvo não tinha preferência por tal gênero), foi dada a opção de “letra de música” (que é considerada um poema também). Tivemos a participação de 17 acadêmicos, dentre os quais, quando perguntados se gostavam de poesia, 17, 65% afirmaram gostar e 35% afirmaram não gostar. Quando indagados sobre sua experiência prévia com poesia, a maioria disse que teve muito pouco contato e que, quando houve este esporádico contato, ele aconteceu na escola e envolvendo alguma atividade em específico (logo, não foi um contato espontâneo, para fruição estética). Um dado interessante quanto à escrita de poesia por parte dos alunos é que 35% afirmaram escrever (ou já ter escrito) poesia; 65% nunca escreveram; já quando perguntados sobre a experiência de escrita com outros gêneros (conto, romance), apenas 24% afirmaram já ter escrito; 76% afirmaram nunca ter escrito. Quando perguntados se gostavam de ler letras de músicas em inglês, 88% afirmaram gostar; 12% manifestaram posição negativa, e quando questionados sobre a percepção da eficácia do uso de letras de música no aprendizado da língua inglesa, 94% dos respondentes acreditam que elas são eficazes, enquanto 6% afirmaram que não. Quando perguntados sobre um desejo futuro para a leitura de mais poemas nas aulas de literaturas anglófonas, 82% afirmaram querer ler mais poemas, enquanto 18% não manifestaram esse desejo.

O plano de ensino contava com a parte prática, isto é, a atividade de leitura e de análise, além da atuação do mestrando Tiago Ferreira Pereira, da área de Estudos de Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, na sua experiência de docência orientada, conforme exigido pela CAPES. O romance escolhido foi *The Remains of the Day* (1980), de Kazuo Ishiguro (que possui tradução para o português, a qual também foi disponibilizada aos acadêmicos), além de textos teóricos para contextualizar a leitura da obra, com as atividades sendo realizadas com ferramentas de ensino a distância.

### **Literatura: para quê e para quem?**

Para quem e para que ocorrem todas essas ações? Os atores envolvidos nessa experiência de ensino-aprendizagem de literatura, em um primeiro momento, são os professores do curso e os acadêmicos, que escolheram essa opção porque provavelmente vislumbram no futuro atuar na docência (seja de língua, seja de literatura). No entanto, para além de acadêmicos, estamos falando de indivíduos, que

certamente se beneficiarão do que a experiência de leitura, principalmente de literatura, oferece. Seguimos a proposta de Harold Bloom:

Não existe apenas um modo de ler bem, mas existe uma razão precípua por que ler. Nos dias de hoje, a informação é facilmente encontrada, mas onde está a sabedoria? Se tivermos sorte, encontraremos um professor que nos oriente, mas, em última análise, vemo-nos sós, seguindo nosso caminho sem mediadores. Ler bem é um dos grandes prazeres da solidão; ao menos segundo a minha experiência, é o mais benéfico dos prazeres. Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros. Literatura de ficção é alteridade e, portanto, alivia a solidão. Lemos não apenas porque, na vida real, jamais conheceremos tantas pessoas como através da leitura, mas, também, porque amizades são frágeis, propensas a diminuir em número, a desaparecer, a sucumbir em decorrência da distância, do tempo, das divergências, dos desafetos da vida familiar e amorosa. (BLOOM, 2001, p. 15)

As palavras de Bloom foram escritas há 20 anos, com destaque para a abundância de informações em uma era digital que recém dava seus primeiros passos (lembrando que o *locus* de enunciação de Bloom eram os Estados Unidos, apenas para marcar a diferença de ritmo de desenvolvimento entre as nossas realidades). Apesar de nem todas as parcelas da população terem acesso a essa mesma abundância, acredita-se que, nestes 20 anos, muitas coisas aconteceram, principalmente a consolidação das redes sociais – que inclusive têm sido cada vez mais influentes em processos eleitorais ao redor do mundo.

Já as palavras de Antonio Candido, formuladas antes das de Harold Bloom, acerca das ideias contraditórias que permeiam o mundo em que vivemos, ressoam e fazem muito sentido, mesmo transcorridos mais de 30 anos:

[...] em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. (CANDIDO, 2011, p. 171)

A partir deste diagnóstico, principalmente durante uma pandemia, entra em cena também outro processo, o de “humanização”, que, segundo Candido:

confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011, p. 182)



Seguindo nessa linha, nossa missão como professores de futuros professores (de literatura e humanidades) é trabalhar com a ideia de que, primeiro: a literatura é importante e necessária; segundo: ela não só pode, como deve ser acessível a todos. Ou, nas palavras de Candido: “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2011, p. 193). Como fazer essa ideia ser apreciada e posta em prática? Pensamos em começar justamente pela nova geração de licenciandos, que, às vezes, também se sente um pouco assustada diante da experiência de fruição da literatura (no nosso caso específico, da literatura escrita originalmente em inglês). Se sabemos que a literatura tem a capacidade de nos abrir horizontes, de nos fazer ouvir outras vozes, de pesar diferentes posicionamentos, de questionar absurdidades, de enxergar a realidade com os olhos do outro, enfim, de nos tornar pessoas pensantes, por que não fazer com que cada um desses licenciandos, depois de ter aperfeiçoado sua relação com a literatura, também inicie seu próprio processo de multiplicação da “semente da humanização” com sua família, com seus amigos, com seus colegas de trabalho, etc. Se tantas coisas podem ser viralizadas, pensamos também na viralização da leitura e da boa literatura.

### **Referências bibliográficas**

- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Traduzido por José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia*. Parecer CES/CNE 492/2001, homologação publicada no Diário Oficial da União de 9/7/2001, Seção 1e, p. 50.
- BROWN, Brendan. *World Reading Habits in 2018* (Infographic). 28 dez. 2018. Disponível em: <<https://geediting.com/world-reading-habits-2018/>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários Escritos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- DE BOTTON, Alain. *Can Tolstoy Save Your Marriage?* 2010. Disponível em: <<https://thefloatinglibrary.com/2010/12/18/can-tolstoy-save-your-marriage/>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- EAGLETON, Terry. *Literary Theory: an Introduction*. 1. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- EAGLETON, Terry. *Como ler literatura: um convite*. Traduzido por Denise Bottmann. Porto Alegre: LP&M, 2017.
- FERRO, J. *Introdução às literaturas de língua inglesa*. 2. ed. Curitiba: Intersaberes, 2015.
- KELLOGG, Carolyn. *Hours spent reading books around the world*. 2013. Disponível em: <<https://www.latimes.com/books/jacketcopy/la-et-jc-hours-reading-books-around-the-world-20130702-story.html>>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Estrutura Curricular do Curso de Letras*. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/letras/informacoes-do-curriculo>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

*Recebido em 29/06/2020*

*Aceito em 18/08/2020*

---

<sup>i</sup> **Mônica Stefani** é Professora Adjunta no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na área de Literaturas de Língua Inglesa. **E-mail:** monica.stefani@ufsm.br

<sup>ii</sup> **Tiago Ferreira Pereira** é Licenciado em Letras - Inglês e Literaturas de Língua Inglesa (UFSM) e Letras Inglês-Português e Respektivas Literaturas (UFN). Mestrando em Letras, Estudos Literários (UFSM). **E-mail:** tiagoberesford@hotmail.com